

Apresentação

Este Dossiê, intitulado *Linguística popular/Folk linguistics*, faz coro a uma série de outras produções¹ que vem sendo engendradas desde o final de 2019, no campo da Linguística popular brasileira. Todas essas produções juntam-se a outras práticas acadêmicas² com o objetivo primeiro de, por um lado, dar a conhecer aos interessados em questões de linguagem esse novo campo do conhecimento, que busca integrar os saberes dos não especialistas em linguagem aos saberes científicos e, por outro, contribuir para a institucionalização e legitimação dos primeiros no espaço acadêmico brasileiro.

Inaugura o Dossiê o artigo, intitulado *Percepções cruzadas de russofalantes e de portugueses: uma perspectiva da linguística popular*, de Maria Helena Ançã e Helena Guzeva. Nesse texto, as autoras asseveram que com o início da imigração da Europa do Leste em Portugal, no início deste século, foi premente repensar o ensinar da Língua Portuguesa (LP) a uma comunidade ‘distante’, do ponto de vista linguístico e cultural, e sem conhecimento prévio da língua oficial (até então predominavam os imigrantes dos países africanos, ex-colônias portuguesas). Tendo em conta que esse público pretendia fixar-se e integrar-se na sociedade, o domínio da LP era fundamental. Numa perspectiva da linguística popular, e para ter algum entendimento sobre as percepções desta comunidade sobre a LP e seus falantes, e dos portugueses sobre esta comunidade e sobre a Língua Russa (LR), as pesquisadoras realizaram 16 entrevistas semiestruturadas a sujeitos leigos em linguística. Elas analisaram o seu perfil sociolinguístico,

¹ Citamos por exemplo os trabalhos de BARONAS, Roberto Leiser. COX, Maria Inês Pagliarini. Apresentação do Dossiê. *Linguística popular/Folk linguistics e linguística científica: Em vez do versus, propomos a integração*. In: Revista Fórum Linguístico. Volume 14, no. 4, 2019. p. 4254 - 4256. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/issue/view/3003>>; de PAVEAU, M.-A. PAVEAU, M. A. *Linguística Folk: uma introdução*. Organizado por Roberto Leiser Baronas, Tamires Cristina Bonani Conti e Julia Lourenço Costa. Araraquara: Letraria, 2020; BARONAS, R. L.; COX, M. I. P. *Linguística popular/Folk linguistics: práticas, proposições e polêmicas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020; BARONAS, R. L. *O amargo da língua de Bolsonaro: discurso e linguística popular*. Grácio Editor: Portugal, 2021; BARONAS, R. L.; GONÇALVES, M. R. B.; SANTOS, J. A. B. *Linguística Popular: contribuições às Ciências da Linguagem*. Araraquara: Letraria, 2021; GONÇALVES, M. R. B. On Mario de Andrade's Folk Linguistics. *Cadernos de Linguística*, v. 2, n. 4, p. e490, 27 Aug. 2021 e "Estudos em Linguística Popular/Folk Linguistics no Mato Grosso: primeiras aproximações", organizado por Roberto Leiser Baronas, Jubileia Mendes de Matos Coelho e Terezinha Ferreira de Almeida, publicado pela Editora Letraria de Araraquara em 2021.

² Referimo-nos aqui ao Canal de *Linguística Popular/Folk linguistics* na rede social YouTube https://www.youtube.com/channel/UC3yU0iLd1JYpLJf_17pw_tg, que desde o início de 2021 vem mensalmente realizando uma série de Lives com lançamentos e debates de livros e, posteriormente de Dossiês e indicações de leituras de obras fundamentais sobre Linguística popular/Folk linguistics.

identificando e comparando os seus comentários ‘vulgares’, no quadro de uma Educação em Português. Os resultados apontam para importância de um contexto (socio)cultural empático para a aprendizagem eficiente duma língua, neste caso, da LP, e ainda para a implementação de estratégias didáticas que desenvolvam o conhecimento (inter)linguístico e (inter)cultural dos russosfalantes, e consequentemente a sua integração.

Na sequência, no segundo texto, intitulado *Estudantes hispano falantes e seu aprendizado do português brasileiro: vicissitudes da linguagem formal e informal*, as autoras Estefanía Hincapié e Aguirre e Flávia Girardo Botelho Borges, partindo do pressuposto de que ao narrar suas experiências, os sujeitos revelam saberes, fragilidades, expectativas e aprendizagens, analisam o desenvolvimento da aprendizagem da língua portuguesa por estudantes hispano falantes, imersos no contexto brasileiro, situados entre dois tipos de linguagem: a linguagem formal ou acadêmica e a linguagem popular. Neste sentido, a análise baseia-se em um estudo de caso dentro do campo de estudos da Linguística Popular. Para conduzir esta pesquisa, uma questão foi estabelecida: que narrativas surgem quando os estudantes falam de suas experiências praticando o português brasileiro? Além disso, foi estabelecido um objetivo: descrever as narrativas contadas pelos estudantes. A amostra é composta por dois participantes que vivem no Brasil e estão realizando seu mestrado. Foi selecionada a entrevista semiestruturada como o instrumento de coleta de dados, baseada em perguntas sobre as experiências dos estudantes no aprendizado e na prática do português brasileiro. Os resultados das análises revelaram que os participantes da amostra aprendem a escrever e falar corretamente para entrar em uma vida acadêmica, não tanto em uma vida social, e que quando estão tendo uma conversa informal, ao encontrar essa linguagem popular brasileira, levam um pouco mais de tempo para eles compreenderem sentenças e decifrar o significado de algumas palavras. Em síntese, o estudo revelou que quando eles têm uma imersão social, tudo muda, porque aprendem dois tipos de linguagem, o jargão coloquial e a linguagem acadêmica.

Mariana Morales da Silva no terceiro texto, intitulado *Novas discursividades para a Linguística popular: os comentários on-line sobre língua*, assevera que desde o advento da web 2.0, os internautas ocupam o espaço digital posicionando-se sobre os mais diversos temas, sendo um deles a língua propriamente dita. Interessado em explorar algumas potencialidades que o discurso digital oferece ao campo da

Linguística Popular, este estudo teve como objetivo propor e testar a fecundidade do território dos comentários on-line produzidos por internautas não linguistas sobre língua. Considerando o potencial desencadeador de polêmicas (AMOSSY, 2017) em termos que vão além do que é considerado “normal” da língua (NIEDZIELSKI; PRESTON, 2021), foram selecionados comentários on-line de internautas em resposta a notícias on-line que discutem o fenômeno da incorporação de termos como *crush* e *shippar*, típicos da temática de relacionamentos na era digital, no português brasileiro. Observou-se, segundo Jara Murillo (2021), as marcas de julgamentos, indícios de pertencimento a determinado grupo, traços de lealdade e insegurança linguística e tipos de argumentos mobilizados. Além disso, a análise utilizou a categorização discursiva proposta por Paveau (2020) de práticas metalinguísticas prescritivas, descritivas, intervencionistas ou militantes. Concluiu-se, com o exercício analítico realizado, que, embora alguns detalhes típicos da coleta de dados de entrevistas abertas possam se perder, os comentários on-line trazem o potencial de resgate dos saberes espontâneos sobre uma língua produzidos também de forma espontânea e em ambientes reais por não linguistas. E pode, ainda, abranger também os debates engendrados entre os internautas devido às afordâncias da web.

No quarto texto, intitulado *Linguística popular e análise do discurso: possibilidades de diálogos entre línguas e teorias com o Greengo Dictionary*, a autora Priscila Aline Rodrigues Silva assevera que se a língua é um bem comum, qualquer falante é capaz de refletir a respeito dela publicamente, sobretudo em um contexto tecnológico em que todas as vozes - inclusive a de não linguistas - são digitalmente amplificadas. Tais saberes profanos podem contribuir substancialmente para compreender e questionar a língua em uso, reconstruindo sentidos, desmontando ou disseminando ideologias e colocando os Estudos Linguísticos em diálogo direto com falantes reais e suas percepções sobre a língua. Essa premissa orienta o desenvolvimento deste artigo. A partir das abordagens da Linguística Popular, a autora investia a página do Instagram *Greengo Dictionary*, um léxico digital que se propõe a traduzir palavras e expressões culturais brasileiras para a língua inglesa. Assumindo uma postura integracionista entre a Linguística Popular e a Análise Dialógica do Discurso, busca-se compreender a interface do verbete com o meme, reconhecer posturas linguísticas decolonialistas, identificar as ideologias que sustentam as escolhas lexicais e refletir sobre os processos de carnavalização que autorizam a problematização

dos discursos sociais em *Greengo Dictionary*. Este estudo coloca em diálogo as vozes de linguistas profanos e especialistas, evidenciando as contribuições dos saberes *folk* para o campo dos estudos linguísticos.

Roberto Leiser Baronas no quinto texto, intitulado *Ressignificação discursiva em diferentes contextos: linguística popular e ludolinguistas*, apresenta num primeiro momento, com certo vagar, as reflexões de Marie-Anne Paveau (2019a, 2019b; 2021) sobre a questão da resignificação discursiva. Na sequência, o autor testa essa proposta em dados distintos dos quais a pesquisadora mobilizou. Trata-se de um pequeno conjunto de textos que resignificam por um lado o branqueamento de Machado de Assis e, por outro, algumas das falas insultuosas de Jair Bolsonaro desferidas a distintos atores sociais. Por último, a partir da categoria de ludolinguista, proposta por Paveau (2008/2018/2020) e, com base num conjunto de dados, que tornam em derrisão a atuação desastrosa de Jair Bolsonaro frente às queimadas da Amazônia e do Pantanal, bem como a sua atuação pouco eficaz frente ao controle de preços de alguns produtos, representados metonimicamente pelas designações *Bolsonero* e *Bolsocaró*, o autor propõe a categoria de resignificação humorística. Entende-se com base nas análises que a resignificação discursiva, especialmente a humorística, pode se tornar numa importante ferramenta de combate aos discursos de ódio, que circulam atualmente na nossa sociedade e que cristalizam as mais variadas relações de poder.

No sexto texto, intitulado *O LinkedIn e os não linguistas: reflexões a partir de uma visada discursiva*, as autoras Viviane Quenzer e Lígia Mara Boin Menossi de Araújo, analisam a construção discursiva do perfil empresarial de uma não linguista que prescreve o uso normativo da língua escrita na rede social LinkedIn. Para isso, as autoras empreendem uma breve apresentação dos estudos sobre *Linguística Popular* (PAVEAU, 2020) para a classificação dessa não linguista e sobre *Cena da Enunciação* (MAINGUENEAU, 2015) para entender de que modo essas práticas linguísticas, aliadas a gramática normativa da língua portuguesa em interface com o digital, constroem teorias espontâneas sobre uma possível língua profissional. Isto porque entende-se que essas práticas linguísticas realizadas por uma não linguista fazem emergir estratégias específicas sobre a disseminação de um ideal sobre língua e, ao mesmo tempo, revela a construção de uma teoria sobre língua profissional, algo novo diante do que se entende sobre língua em relação às teorias formalizadas no ambiente científico e acadêmico. Desse modo, as pesquisadoras verificam como essas práticas

linguísticas espontâneas (normativistas e intervencionistas) são engendradas por Dalva, uma professora, mentora, empresária e Top Voice 2020, a partir da análise do conteúdo (autoral) descritivo de sua página profissional, na rede social LinkedIn, enquanto produção sobre a língua que poderia caracterizá-la como uma linguista popular.

Sidnay Fernandes dos Santos Silva; Lílian Pereira de Carvalho e Guilherme Freitas dos Santos no sétimo texto, intitulado *Da gramática normativa à linguística popular militante: um percurso da linguagem neutra*, analisam os embates de sentido que circulam na web sobre a Linguagem neutra. Para o/as autor/as essa temática tão constante neste tempo presente materializa-se em práticas languageiras de defesa da linguagem neutra, de negação e até de produção e propagação de ofensas e de ódio. O uso da linguagem inclusiva (seja pela modalidade oral, seja pela modalidade escrita) já não se restringe aos espaços de militância, alcança diversos espaços sociais e está presente em gêneros textuais formais/institucionais, em textualidades midiáticas e digitais, em espaços acadêmicos, em artigos científicos etc. E, para tratar dessa pauta, o/as pesquisador/as recorrem a referenciais teóricos da Linguística (Mattoso Câmara, 1970;1975), da Linguística Popular (Paveau, 2020) e da Análise do Discurso (Paveau, 2013). Discute-se como linguistas e linguistas populares militantes (de um lado, feministas e comunidades LGBTQIA+ e, de outro, os que se autodenominam conservadores) mobilizam dizeres para defender ou refutar a inclusão do gênero neutro em práticas languageiras. Constitui-se um corpus analítico com textos produzidos por linguistas profanos: um vídeo postado no *Instagram* e um post do *Twitter*. Com este estudo, propõem-se discussões que vão desde questões linguísticas à luz de uma visada estruturalista a práticas *folk* que estabelecem a usuários da língua o *status* de linguistas populares.

No oitavo texto, intitulado *Folk NURC? Uma proposta de análise em linguística popular*, o autor Marcelo Rocha Barros Gonçalves, revela como os dados populares são recorrentes (e podem ser observados) no Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta (doravante Projeto NURC), iniciado no final dos anos 1960 nas cidades brasileiras de Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. As hipóteses postuladas pelo autor indicam que, apesar de o Projeto NURC não ter coletado dados linguísticos objetivando analisar especificamente as manifestações dos falantes sobre a língua que usam, estas manifestações podem ser verificadas nas mais diversas situações de comunicação: há uma série de comentários realizados pelos (e entre) entrevistados e

pesquisadores que podem ser caracterizados como manifestações não especializadas sobre a língua, ou seja, saberes populares sobre práticas e teorias linguísticas. Para tanto, mobiliza-se um conjunto teórico ainda em construção no Brasil conhecido como Linguística Popular/*Folk Linguistics* (NIEDZIELSKI; PRESTON, 2003, PAVEAU, 2020, GONÇALVES, 2021), centrado no falante comum, aparato no qual não especialistas tecem comentários sobre a sua própria língua (ou sobre a fala de outros membros de uma dada comunidade de fala). Por fim, destaca-se a importância das pesquisas desenvolvidas no Brasil no âmbito do Projeto NURC, especialmente se integradas às recentes discussões sobre a Linguística Popular.

No nono texto, intitulado *Amadeu Amaral um linguista folk*, a autora Maria José Basso Marques, por meio de levantamento bibliográfico sobre a Linguística Popular (*Folk*) (PAVEAU, 2018, [2019]), busca compreender esse novo campo do conhecimento e fazer algumas reflexões sobre o livro *O Dialecto Caipira* de Amadeu Amaral (1920), produção de um escritor não linguista cuja obra descreve o dialeto do Brasil revelando um estágio de evolução da Língua Portuguesa em seis (06) cidades de São Paulo: Capivari, Piracicaba, Tietê, Itu, Sorocaba e São Carlos, onde fez suas observações e de onde se originavam seus poucos informantes. A autora constata que, na escala de domínios de saberes espontâneos sobre a língua, proposto por Marie Anne Paveau (2018), há um lugar como linguista *folk* para escritores dotados de um saber linguístico e metalinguístico que fazem uma descrição sobre a língua. É nessa perspectiva que reflete-se sobre o escritor Amadeu Amaral quanto à produção do livro *O Dialecto Caipira*

Finaliza o Dossiê, o artigo intitulado *A ressignificação de estigmas na canção Bixa Preta: os não linguistas e os embates discursivos*. Nesse texto, as autoras Débora Helen Oliveira e Livia Maria Falconi Pires com base nos estudos da Linguística Popular entrelaçada aos estudos do discurso, analisam a canção “Bixa Preta” composta e performatizada pela artista Mc Linn da Quebrada. Na canção, há a mobilização de termos vistos na sociedade com sentido estigmatizado. Tais sentidos geram estigma entre os indivíduos e corroboram a caracterização de algo pejorativo e, ao mesmo tempo, transgressor àquele que se dirige. Assim, na canção, tal mobilização transgressora das normas e dos sentidos pré-estabelecidos, produz efeitos de sentidos distintos dos estereotipados marcando assim um movimento de resistência dos corpos e ações.

Fica aqui o convite para que todos os interessados em questões de linguagem façam um tour *saberoso* por esses dez artigos, que dizem sobre sujeitos, línguas, ensino, relações de poder e de resistência. Registramos um Agradecimento muito especial aos Autores por suas submissões, aos Pareceristas por suas leituras atentas e aos Editores da Revista Porto das Letras pela possibilidade de publicação desse Dossiê. Gratidão a Todos.

Roberto Leiser Baronas; Livia Maria Falconi Pires e Tamires Cristina Bonani Conti.